

A RELAÇÃO DA GESTÃO PARTICIPATIVA COM A PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA TURMAS DE BEBÊS!

THE RELATIONSHIP OF PARTICIPATORY MANAGEMENT WITH THE PEDAGOGICAL PROPOSAL FOR BABY SHOWS!

Silvia de Amorim

Universidade Regional de Blumenau – FURB

silviade.amorim@gmail.com

Resumo: *Este relato objetiva (com)partilhar uma experiência que envolve a gestão participativa e práticas pedagógicas com uma turma de bebês com até um ano de idade. Sendo que, ao colocar em prática a gestão participativa, todos assumem participação ativa na gestão. No caso dos bebês, esta atuação fica explícita imediatamente no processo de inserção das famílias e bebês nas instituições de educação infantil. A ação inicia pela direção no momento da matrícula e acolhimento dos familiares. O professor dará continuidade, utilizando da observação e registro para que consiga construir uma relação afetiva atendendo as necessidades e desejos dos bebês. Esta parceria, entre professor e direção, possibilita a construção de projetos que contemple a ampliação desta relação e inclua os familiares. Demonstrando que o espaço da educação infantil tem a finalidade de promover interações, brincadeiras e desenvolvimento das linguagens a partir da ampliação do repertório cultural.*

Palavras-Chave: *Gestão Participativa; Projetos; Bebês; Educação Infantil.*

Summary: *This objective report (with) share an experience that involves participatory management and pedagogical practices with a group of babies up to one year old. Being that, when putting into practice the participative management, all assume an active participation in the management. In the case of the babies, this action becomes explicit immediately in the process of insertion of the families and babies in the institutions of pre-school education. The action begins by the direction at the time of the enrollment and reception of the relatives. The teacher will continue, using observation and registration so that he can build an affective relationship, meeting the needs and desires of the babies. This partnership, between teacher and management, allows the construction of projects that contemplate the expansion of this relation and include the relatives. Demonstrating that the area of early childhood education has the purpose of promoting interactions, games and language development from the expansion of the cultural repertoire.*

Keywords: *Participatory Management; Projects; Babies; Child education.*

Abrindo o diálogo

O presente texto tem como objetivo relatar uma experiência que envolveu a Gestão de uma instituição de educação infantil, juntamente com as ações pedagógicas de professoras e auxiliares para o envolvimento das famílias com contexto da instituição. Em que, para a maioria é seu primeiro envolvimento como pais de bebês.

Portanto, a inserção destas famílias se faz primordial desde o processo de matrícula, pois serão nestes primeiros contatos que observará como será recepcionada, como será atendida. Iniciando o processo de construção da gestão participativa, sendo que o envolvimento da família será ampliado a cada dia que for proporcionado as ações que contemple o envolvimento de todos.

Diante disto, o ato de pensar em projetos que visam esta mesma intenção se faz importante para a conquista de uma ação conjunta no processo de organização da execução da gestão participativa.

As ações da gestão participativa em instituições de educação infantil estão sempre voltadas para a construção de relações de afetividade, companheirismos com os familiares das crianças. Porém, quando falamos em bebê com idades de até um ano esta ação se faz necessária para a criação de um ambiente saudável.

Isto é construindo a partir da execução da Gestão Participativa que segue a definição feita por Lück (2006a), sendo que, apresenta que o

sentido pleno é caracterizada pela mobilização efetiva dos esforços individuais para a superação de atitudes de acomodação, de alienação, de marginalidade, e reversão

desses aspectos pela eliminação de comportamentos individualistas, pela construção de espírito de equipe, visando a efetivação de objetivos sociais e institucionais que são adequadamente entendidos e assumidos por todos. (p.30-31)

Desta maneira, vem reforçar que as ações realizadas pelo professor em sala, leva o reflexo que se tem sobre a concepção de gestão. Porque, ao iniciar uma gestão participativa, um dos reflexos é a divisão das responsabilidades entre todos os envolvidos com a instituição. Neste caso seriam todos que estão ligados

direta ou indiretamente do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, na proposição de planos de ação, em sua implementação, monitoramento e avaliação, visando os melhores resultados do processo educacional.” (LÜCK, 2006b, p 22)

A divisão de responsabilidades começa a criar um sentimento de conscientização como integrante daquele coletivo. Promovendo uma avaliação das decisões tomadas em coletivo ou individual, pois a gestão participativa ela proporciona que atitudes sejam tomadas visando às perspectivas e as concepções definidas em reuniões.

Essa participação dá às pessoas a oportunidade de controlarem o próprio trabalho, assumirem autoria sobre o mesmo e sentirem-se responsáveis por seus resultados – portanto, construindo e conquistando sua autonomia. Daí porque a participação competente é o caminho para a autonomia. (LÜCK, 2006a, p.26)

Gestão Participativa, prove uma liberdade ao professor de organizar e estruturar sua ação pedagógica de acordo com a necessidades e especificidades das crianças que frequentam a turma. Principalmente, quando estamos falando de bebês na faixa etária de 0 a 1 anos, que estão vindo de seus contextos familiares com rotinas e ambientes completamente diferentes.

Esta parceria instituída pelo ato de exercer a gestão democrática, tem seu início no processo de matrícula e apresentação da instituição para os familiares. É neste momento que começa a estabelecer um vínculo institucional, mas também afetivo, com estes novos integrantes da comunidade educacional. Sendo que, a partir deste momento se inicia um processo de inserção tanto dos bebês quanto dos familiares e a união de professores e gestores possibilita a elaboração de ações que contemple esta nova relação.

Período de inserção

A primeira conversa é fundamental, pois é nela que se demonstram as primeiras intenções e objetivos das famílias com a instituição de educação infantil. Para a instituição este momento é o início para a construção de um período denominado de inserção. Então, “A inserção é, assim, momento de encontro e, para que haja verdadeiramente encontro, é preciso que haja diálogo. É, pois, no estabelecimento da inserção como processo essencialmente dialógico que construímos as bases para o trabalho com os bebês.” (REIS, 2016, p.39)

Este diálogo pode ocorrer nos momentos de recepção destas famílias, assim como, uma entrevista ou questionário. As informações coletadas nestas ações darão subsídios para começar a pensar uma ação pedagógica para estes familiares e bebês.

Conhecendo um pouco do contexto familiar fica mais fácil construir uma ação pedagógica, pois terá a compreensão da família sobre o que esperam se tiveram e quais foram as experiências relacionadas a uma instituição de Educação Infantil. O principal, qual o conceito construído por eles sobre um centro de desenvolvimento infantil. Com isto, decisões e planejamentos serão tomadas, pela direção e professor, para tentar mostrar aos familiares o que acontecem na instituição de educação infantil.

Nos primeiros dias os bebês na creche, há um mundo de observações a serem consideradas e registradas, porém cabe às professoras procurarem não criar muitas expectativas, mas é claro que é necessário imaginar o que poderão encontrar em um grupo de quinze bebês tão plurais. Em muitas situações, a imaginação flui, e o que vem a cabeça são bebês chorando assustados, olhando para tudo com desconfiança, tímidos, com medo, inseguros... (REIS, 2016, p.47)

No entanto, estas observações farão com que se compreendam melhor as situações que se compartilha com estes bebês e familiares. Passará a entender que o choro das oito horas da manhã significa fome e sono, pois a mãe acorda seu bebê as cinco horas para fazer todo o ritual de higienização, alimentação e deslocamento para a instituição. Assim, para acalotá-lo se faz necessário alimentar-se e colocá-lo para dormir, mesmo que as vezes não seja o momento estipulado pela rotina da instituição.

É neste momento que entra a sensibilidade, o afeto e a sutileza necessária para ser professor, principalmente de bebês. A mesma coisa acontece quando se está iniciando o processo das papinhas salgadas, sendo que se é ofertado um alimento estipulado no cardápio, mas que o bebê ainda não criou o hábito de ingerir e acaba consumindo pouco. A certeza que se tem será que logo estará chorando com fome e se fará necessário preparar um alimento que irá ingerir e saciar sua fome. Mesmo que este alimento seja de outro dia do cardápio ou de outro momento do próprio dia.

No entanto com os bebês, nos foi possível perceber que a sensibilidade, a responsabilidade e a dialogicidade se apresentaram como aspectos fundamentais, que nos permitiram estar junto dos bebês e junto a eles viver esse momento/processo de inserção, que a existência, porque humana, não pode ser mudada, nem solitária, mas solitária e dialógica, que os modos de se colocar diante do mundo e se relacionar com eles são movidos por demonstrações de criação, nas quais cada ação está carregada de sentidos. O gesto, o olhar, o choro e o riso, no momento da inserção ganharam dimensões diferenciadas, não correspondendo a um único significado, pois são utilizados como instrumentos de estratégias comunicativas. Cada momento vivido com os bebês nos levou a perceber que as estratégias de comunicação, que recorrem em seus exércitos diálogos de interação, são prenes de diversos sentidos e significados. O choro não representa apenas incômodo, irritação ou tristeza, mas também protesto e até chamamento ao outro, um dizer de si, do seu desejo e de seu estado de espírito. O riso nem sempre correspondia ao simples contentamento, sendo que às vezes um convite, um gesto de cumplicidade, de compartilhar um sentido comum, uma forma de conduzir dada situação a um objetivo desejado. Os gestos, por sua vez, grandes ou pequenos, estavam sempre presentes, sempre relacionando-se aos sons emitidos, ou aos olhares trocados, às expressões nos rostos, relacionando-se ao que pretendiam comunicar em cada um dos muitos momentos vividos. (REIS, 2016, p.50)

Nestas interações, que acontece no momento da inserção o bebê também realiza suas observações e registros referentes aquele contexto novo que estava sendo inserido. Assim, a ação de observar e registrar não é algo específico do professor, mas de todos os envolvidos nestas relações.

Através da ação de observação, os familiares e os bebês vão percebendo que existe um respeito perante as suas necessidades e sentimentos. E que o professor se esforça para atendê-las da melhor maneira e garantir a tranquilidade, nem que as vezes se faz necessário reestruturar toda a logística estrutural da rotina, como já descrita em no trecho superior.

Estas alterações só são possíveis quando o professor está como parceiro no processo de gestão da instituição, pois estas organizações devem seguir uma rotina estipulada e que por acontecimentos delimitados pelos bebês promovem pequenos desvios. Desta maneira, a educação infantil estará cumprindo o seu papel que é de ouvir as crianças para que as mesmas se tornem parte das decisões de seu cotidiano.

Projeto pedagógico envolvendo os familiares

O cotidiano proporciona maior contato com os bebês e pouco com os seus familiares, desta forma, a equipe gestora deve pensar estratégias para aproximar os familiares para participarem das ações institucionais como Conselho Escolar e Associação de Pais e Professores – A.P.P. Mas também, trazer as famílias para momentos de interações e convivências com os seus filhos na instituição.

Desta maneira, os

responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício à participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania (LÜCK, 2005, p. 20).

Este processo inicia-se a partir do reconhecimento proporcionado pelo período de inserção, chega o momento de iniciar o processo de construção de projetos e sua execução. Tendo como objetivo principal, promover a interação entre as famílias e o reconhecimento daquele espaço como um local para que proporcionar as brincadeiras, as interações e o desenvolvimento das linguagens. Executando a sua função primordial que é a ampliação do repertório cultura de crianças e familiares.

Portanto, os professores e auxiliares novamente entram como parceiros da direção e passa a usar o seu poder de decisão que possibilita a construção de

um serviço para a infância – que planeja e se organiza afirmando a centralidade das crianças e a importância do contexto em que se desenvolve seu crescimento – é capaz de acolher as imagens e as ideias que as famílias elaboraram em relação a seus filhos para inseri-los em um itinerário progressivo e compartilhado de desmistificação, de libertação de preconceitos e de concretização positiva, disposto a dar crédito a cada criança quanto a sua autonomia e ao seu direito de ser reconhecido como interlocutor ativo em cada relação. (FORTUNATI, 2009, p.53)

Caminhando com esta compreensão, foi elaborado pelas professoras e auxiliares da turma com crianças de até 1 ano um projeto com o título: Família e Arte: uma mistura interessante. Este projeto foi pensando para construir momentos que se faziam necessários para trazerem as famílias para a instituição.

Quando o projeto começa a criar forma, uma das perguntas frequentes começa a ganhar força e a se tornar uma angústia referente ao tempo de duração deste projeto. Este é um dos questionamentos que Barbosa e Horn (2008, p. 47) apresentam uma possível resposta, pois os projetos

podem ter tempos diferentes de duração. Existem projetos de curto prazo, outros que exigem um médio prazo entre a elaboração e a execução. [...] O tempo do projeto é o tempo da vida. Jamais se domina, ao trabalhar com essa metodologia, o que o processo irá durar. É uma incógnita para pais, professores e crianças. O tempo será definido na ação.

Desta forma, a intenção foi construir uma proposta inicial para verificar como seria a interação e interesses dos familiares. A cada etapa avaliaríamos a necessidade ou de continuar a partir dos comentários realizados durante e após a realização.

Assim, iniciamos com a intenção da construção de uma área sonora para os bebês, sendo que as famílias iniciaram o processo de interação ao lerem o bilhete enviado para as famílias pedindo diversos materiais que produzissem sons, como por exemplo panelas, formas, colheres, chaves. Os materiais doados foram organizados pela professora, auxiliada com a parceria do zelador. Este último funcionário da instituição, foi orientado pela direção a contribuir com a execução do projeto.

Com a finalização da parte prática, a direção juntamente com o auxílio das merendeiras, possibilitou que fosse organizada uma festa a fantasia para inauguração desta área com bebidas e bolos que atendesse a faixa etária dos bebês.

As famílias ficaram com a função de organizar uma fantasia para os bebês e seus horários para que viessem participar, sendo que foi preparado um momento no início da manhã e outro no final da tarde.

Nesta primeira ação a participação das famílias foram tímidas e receosas, talvez por serem a maioria o primeiro filho e seu primeiro contato com uma instituição de educação infantil assumindo o papel de pais. Mas, ao final da proposta, as famílias começaram a comentar sobre terem gostado de participar e que desejavam ter mais momentos como este ao longo do ano.

Com esta motivação foram pensadas mais três ações que aconteceram a cada dois meses durante o ano. Movimentos que promovessem de alguma maneira a ampliação do repertório cultural bem como os laços de afetividades envolvidas no momento de execução das propostas. Sendo assim, a segunda proposta focou mais a relação familiar em suas casas, ou seja, a proposta foi desenvolvida por cada família em seus lares.

A proposta iniciou com o pedido para as famílias enviarem uma peça de roupa que não sirva mais em seu bebê para que a mesma se torne uma almofada. As professoras e auxiliares confeccionaram as almofadas e foi construída uma caixa que continha um pedaço de malha, lápis de escrever, canetinha, diferentes cores de tintas de tecidos e cola coloridas, pedras utilizadas para fazer bijuterias. Esta caixa era enviada para a casa de um dos bebês todo final de semana e nos cadernos estava colocada as instruções sobre o que deveria ser realizada.

Dado esse material, fora sugerido para os pais que juntos de outros familiares e o bebê produzisse uma etiqueta para ser colocada na almofada de seu filho (a) e que fosse registrado através de fotos e comentários todos os momentos dessa vivência.

Essa iniciativa foi um sucesso, pois contou com uma grande participação dos familiares; dentre os vários comentários sobre a atividade selecionados dois que resumem a emoção sentida durante a execução da proposta:

A primeira mãe comentou que: *Realizar esta tarefa com sua filha no dia das mães foi o melhor presente que poderia ter ganho. Foi uma tarde em família e que percebi que meu bebê está crescendo.* A outra mãe escreveu: *Desde sexta-feira quando cheguei em casa com a caixa não tive mais sossego o meu bebê só queria pegar a caixa. Como queria que meu marido estivesse junto fizemos no domingo à tarde. Quando pegamos a caixa e começamos a retirar o material ele ficou numa felicidade e muito agitado queria pegar todo o material de uma vez.*

O resultado desse processo foi muito gratificante, pois percebemos o grau de interesse que os pais têm em querer contribuir para formação social e afetiva de seus filhos e de como um ato simples, pode gerar significados e lembranças de infância a todos os participantes. As almofadas ganharam vida com toque de muita criatividade, valor artístico e sentimental.

O sucesso da atividade anterior abriu a possibilidade de incrementar nossa próxima proposta do projeto educativo que era a construção de caixas de diferentes tamanhos reforçadas para que os bebês pudessem brincar sem que as mesmas estragassem. Feito a construção das caixas, reforçamos as mesmas com tiras de papel, fortalecendo sua estrutura, oferecendo mais segurança aos pequeninos.

Como todas eram brancas e cientes da boa iniciativa que foi trabalhar com os pais na confecção das almofadas, conversamos com a equipe de direção e os responsáveis pela cozinha sobre qual atividade faríamos, dessa reunião surgiu a proposta de ofertarmos para as famílias um café com história e arte; um dia lúdico com os mesmos, trazendo-os à

instituição de educação infantil para que juntos pintassem as caixas de seus filhos. Como fundo de cena, faríamos a leitura da história: *O Homem que Amava Caixas*, escrita e ilustrada por Stephen Michael King. Este livro traz a história de um pai que só conseguia demonstrar o amor por seu filho fazendo caixas de papelões de diferentes tamanhos, formatos e cores.

Chegando o dia, o parque foi preparado para receber um tapete, onde foram colocados os bebês e familiares sentados, juntamente com as caixas que receberiam a decoração e onde aconteceria a leitura da história. Na parte de trás deste local, foi colocado uma mesa comprida com banco para as famílias sentarem e deixarem sua criatividade fluir. Sobre a mesa foram colocados diferentes tipos de matérias como tintas, pinceis, canetões, giz de cera, lápis, colas e figuras. Na lateral desta mesa, foi colocada mais uma mesa de tamanho menor onde foram servidos bebidas e bolos para os familiares e bebês, tudo de acordo com o cardápio da faixa etária de 0 a 1 ano.

No momento da leitura da história, muitos pais ficaram tímidos e com receio de sentarem no tapete. Desta forma, seus próprios bebês começaram a pedir para que se sentassem quando tentaram ir ao encontro de seus pais ou a chorarem. Após a história, junto com seus filhos tomaram o café e montaram a decoração das caixas. Com as caixas foi montada uma exposição no Hall de entrada da instituição e após este momento entregues aos bebês para que explorasse o material. Foi uma proposta, em que, os pais que não participaram na semana seguinte perguntavam se existiria outro momento daqueles. Os que participaram, pediam para terem mais momentos daqueles com seus bebês por ter sido muito gratificante.

Como estávamos caminhando para o final do ano e a reunião para definir o calendário, que contou com a participação de todos os funcionários da instituição, foi estipulado que no final do ano seria feita uma festa de confraternização com a apresentação das crianças. Isto levou a programar uma apresentação de encerramento deste projeto, ou seja, contaria com a participação ativa dos pais.

A escolha desta apresentação aconteceu pelo fato dos bebês se identificarem com a história e a cantiga nos momentos que estamos interagindo com elas em sala. Então, ficou definido que faríamos a leitura da História *Bruxa, Bruxa, vem a minha festa?* escrita por Arden Bruce e ilustração de Pat Ludlow, e uma ciranda utilizando a música *Cirandinha* de Nana Toledo.

Quando explicamos para os familiares como seria organizada a apresentação, muitos comentários surgiram reafirmando o que tínhamos percebidos no cotidiano dentro da instituição. As falas apresentavam que os bebês estavam em casa tentando pronunciar a palavra bruxa. Outros já estavam pegando seus pais pelas mãos para brincar de roda.

A apresentação contou com a participação de toda a família, sendo que iniciamos com a leitura da história, em que, os familiares com seu bebê no colo pegavam uma placa de isopor onde continha colada a página do livro bem grande e que era correspondente a que a professora da turma estava lendo. Com a página do livro subiam ao palco, mostravam e saíam. Os próprios bebês queriam ajudar a segurar e quando viam que era personagens da história que conheciam eles não queriam deixar seus pais virarem a folha para o público. Quando terminou a história, o público que assistia começou a bater palmas e os bebês também começaram a bater palmas. Isto aconteceu também com a ciranda, que foi composta pelos bebês e seus familiares, sendo que uma família ficou emocionada por que não sabia que seu bebê já conseguia brincar de roda.

Os momentos descritos acima foram momentos construídos com a participação direta de bebês, familiares, professores, auxiliares, diretor, secretário, zelador e servente e merendeiras. Construindo na ação uma gestão democrática, em que, todos contribuíram da melhor maneira para que fosse organizado estes momentos de integração das famílias com o contexto da instituição.

Finalizando o diálogo

Ao chegarmos ao final do projeto e analisarmos toda a trajetória construída, podemos afirmar que foi alcançado o objetivo de uma forma ativa. Isto resultou na ampliação do convívio dos familiares com a rotina e ações da instituição. Promovendo a compreensão de como realmente

se organiza uma instituição, uma sala de bebês, as necessidades que se tem quando estamos diariamente com eles. Passaram também, a observar seus filhos diferentes e a perceber que muitas vezes seus comportamentos são opostos daqueles que realizam em casa.

Estes primeiros contatos são importantes pelo fato que é possível construir uma relação de participação, troca de ideias e ajudas. A relação criada com os pais construirá a intenção de sempre buscar a ampliação com o passar do tempo, pois perceberá as grandes mudanças que proporcionará para os seus filhos.

Portanto, passaram a ficar atento com os calendários de reuniões, eventos, necessidades da instituição, e principalmente a busca em tentar contribuir de alguma forma para atender algumas necessidades, bem como a simples ato de estar mais perto de seu filho.

O que ficou transparente neste processo, é que os pais percebendo a parceria entre gestão, professores, bebês e famílias. Este último grupo passou a se sentir ativos nos momentos de decidirem os caminhos a serem trilhados pela instituição, pois acreditavam ser interessantes para atender as especificidades relacionadas a seus filhos.

O processo de constituição de uma instituição com uma gestão participativa se realiza junto destas ações, pois ambas estão ligadas diretamente. Assim, só teremos uma instituição denominada de gestão participativa se as propostas que serão executadas possibilitem a participação de todos desde o processo de pensar a ação e de como colocá-la em prática.

Foi desta forma que se conseguiu desenvolver um trabalho que criasse laços afetivos com os familiares que deverão ser cultivados durante os quatro anos futuros que a criança permanecerá na instituição. Aos poucos as ações vão tomando outros direcionamentos, podendo até acontecer de situações mais complexas, como resolução de um problema na instituição, em que, os familiares por se sentirem parte daquele espaço participarão destes momentos.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008, 128p.

FORTUNATTI, Aldo. **A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO PROJETO DE COMUNIDADE**: Crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família. Porto Alegre: Artmed, 2009. 200 p.

LÜCK, Heloísa (et al). **A Escola Participativa – O trabalho do gestor escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006a, vol I

_____. **A Gestão Participativa na Escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006b, vol III.

REIS, Luciane. Adaptação ou Inserção? O momento de entrada dos bebês nas creches. In:-----
--- MARTINS FILHO, Altino José et al (Org.). **EDUCAR NA CRECHE**: Uma prática construída com os bebês e para os bebês. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016. 142 p.

Recebido em 26 de fevereiro de 2017.

Aceito em 6 de novembro de 2017.